

95% preferem a CPMF

MARCOS CINTRA

Governo e oposição alegam que a CPMF é um tributo ineficiente, em cascata, mas ao mesmo tempo reivindicam os méritos pela criação de outros tributos igualmente cumulativos, como é o caso do *Super-Simples* e da tributação sobre o lucro presumido.

Esquecem que tributos como o ICMS, que se deseja federalizar, é parcialmente cumulativo quando a cadeia de débito e crédito se rompe, como ocorre rotineiramente no setor de serviços (que abarca 65% do PIB brasileiro) ou nas atividades rurais regidas em grande parte pelas relações informais de produção, ou quando créditos de exportação viram pó.

Esse debate parece confirmar a opinião do saudoso Roberto Campos (1917-2001), quando se referiu à intrigante distinção feita no Brasil entre dois tipos de cascata, uma benigna e outra maligna. A cascata maligna inclui tributos odiados como a CPMF e parte do PIS/Cofins.

Contra eles são disparadas as mais violentas críticas. Já a cascata benigna diz respeito a tributos classificados como notáveis contribuições à ciência tributária. São eles o *Simples* e o *IRPJ* sobre o lucro presumido.

O que mais intriga, no entanto, é saber por que o governo luta por um tributo como a CPMF, que alega ser ruim, como afirmou recentemente o ministro Paulo Bernardo? Por que não a eliminam e compensam a arrecadação com aumento de tributos "bons" como o Imposto de Renda, o ICMS e a Cofins não-cumulativa?

O governo faz um discurso maroto. Sabe que a população é contra a CPMF, como é contra qualquer outro tributo. Ao mesmo tempo, faz de conta que considera o tributo um mal necessário. Na tentativa de aferir a opinião dos contribuintes, fiz uma pergunta em minha coluna na *Folha de S. Paulo*, onde apresentei cinco alternativas. O resultado foi o seguinte: 5% preferem acabar com a CPMF e manter os demais tributos como se acham; 95% preferem que a CPMF continue, mas pedem a redução de outros tributos nestas proporções: 20% desejam reduzir o IR das empresas de 25% para 11%; 24% desejam reduzir o ICMS de 17% para 14%; 29% desejam reduzir o INSS patronal de 20% para 4%; e 22% desejam eliminar o IPI e reduzir a Cide-combustíveis em 50%.

Minhas expectativas foram confirmadas. Os contribuintes não consideram a CPMF um "mau tributo", caso contrário seria o primeiro que eles gostariam de eliminar. Esse resultado, quando comparado com as opiniões dos tecnocratas econômicos, nos leva a duas possíveis conclusões alternativas: 1) os contribuintes são imbecis e não sabem o que é bom para a economia, nem para eles mesmos, ou 2) a tecnocracia econômica está muito distante da realidade, vivendo encastelada em suas torres de marfim e perdida em modelos teóricos divorciados da economia real.

MARCOS CINTRA É

VICE-PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS.